



“Para gostar de ser”: literatura negra, racismo e autoestima

“So as to like to be”:
black literature, racism and self-esteem

Denise Almeida Silva

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Frederico Westphalen – Rio Grande do Sul - Brasil

Resumo: O título deste estudo ecoa o título do poema homônimo de Ana Célia Silva, no qual a autora associa o fenótipo negro à valorização da história ancestral, lutas libertárias e conquistas negras. A valorização da negritude é um dos temas mais queridos da literatura negra, dado o continuado contexto de racismo e discriminação a que essa população tem sido submetida desde sua retirada forçada da África. Após inicialmente contextualizar as relações entre autoestima e racismo no contexto das relações raciais estabelecidas a partir da instituição colonial, e da exposição da tensão identitária que pode vir a ocorrer em face da submissão a comentários depreciativos e introjeção de padrões eurocêntricos, passa-se à análise de dois textos: o já citado poema, e o conto “Pixaim”, de Cristiane Sobral. As obras analisadas apresentam diferentes perspectivas quanto à beleza negra e à aceitação ou desafio aos processos exclusivos e ou inclusivos derivados de preconceitos raciais. Embasamento teórico para essas reflexões é buscado, sobretudo, no pensamento de Gomes, Munanga e Silva.

Palavras-chave: Autoestima. Literatura negra. Racismo. Cristiane Sobral. Ana Célia Silva.

Abstract: The title of this study echoes Ana Célia Silva’s eponymous poem, which associates black phenotype with the valorization of ancestral history and the negro libertarian struggles and conquests. The valorization of negritude is one of the most cherished themes by Afro-Brazilian literature, given the continuous racist discrimination to which the black population has been subjected ever since its violent removal from Africa. Initially this text contextualizes the relations between racism and self-esteem within the social relations established by the colonial system, going on to expose the identity tension that there may come to be in face of the negro submission and unquestioned acceptance of derogatory comments and of the introjections of Eurocentric patterns. There follows the literary analysis of two texts: the already mentioned poem, and Cristiane Sobral’s short story “Pixaim”. This literary corpus offers diverse viewpoints on black beauty and on the acceptance or rejection of inclusive or exclusive processes derived from racial prejudice. Theoretical foundation for these reflections is especially based on the thought of Gomes, Munanga and Silva.

Keywords: Self-esteem. Black literature. Racism. Cristiane Sobral. Ana Célia Silva.

“Autoestima” define já o parágrafo inicial de *Gostando mais de nós mesmos*, “é a estima por si próprio. É a pessoa gostar de si mesma [...]” (SILVA et alii, 1999, p. 17). A obra em questão foi publicada pelo coletivo negro Quilombhoje em parceria com a AMMA - Psique e Negritude. Contudo, por que haveria a necessidade de entidades negras enfatizarem a importância de um indivíduo gostar de ser da forma que é? Evidentemente, a baixa autoestima tem causas complexas, e não é manifesta, apenas, entre a população negra. Contudo, considerando as consequências da discriminação racial, pareceu bem à equipe organizadora da obra “buscar formas de aumentar o amor-próprio e melhorar o relacionamento entre as pessoas das diversas etnias”. (RIBEIRO; BARBOSA, 1999, p.10). Tal objetivo não apenas estabelece relações de causa e efeito entre racismo e autoestima, como coloca a questão do racismo dentro de um quadro relacional.

Outra não poderia ter sido a perspectiva escolhida. Por um lado, há que se considerar que, como raciocina Nilma Lino Gomes, (2012, p. 12) o racismo abala os processos identitários, imprimindo marcas negativas no indivíduo. Por outro lado, o processo de construção identitária não se faz no vácuo, mas em sociedade, dentro de um contexto histórico-temporal específico, já que para a construção de uma identidade ou personalidade coletiva unem-se pelo menos três fatores distintos: o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico, os quais garantem a cada indivíduo ou grupo características distintas. A importância desses fatores é salientada por Munanga (2012; 53), com base no pensamento de Cheikh Anta Diop. A esse assunto volta-se mais tarde neste estudo; por ora, interessa construir a noção de identidade como algo relacionalmente construído.

Como tem sido apresentada pelos teóricos dos estudos culturais, a identidade de cunho não essencialista se constitui em face da diferença, e sua atribuição é feita a partir de um sujeito (pessoal ou comunal) que se toma como parâmetro, comparando e contrastando os outros a si mesmo, para, a partir

daí, não apenas compreender o outro, mas a si mesmo. Pensado desta forma, o processo de identidade é uma forma de o sujeito situar-se no mundo, já que a classificação sobre a qual repousa resultaria impossível em presença da mesmidade: é justamente o diferente, aquele que se apresenta como um “não-eu” que gera a compreensão daquilo que torna o indivíduo distinto, ajudando-o a perceber sua própria identidade. Assim, como Silva (2000) didaticamente ensina, cada identidade atribuída traz em si negações implícitas: dizer-se brasileiro, por exemplo, implica afirmar-se não pertencente a qualquer outra nacionalidade. Semelhantemente, definir-se um indivíduo como sendo negro, significa afirmar-se não ser ele amarelo, de pele vermelha, ou branco.

Este último pareceria um exemplo trivial, uma vez que a cor da pele não deveria definir a essência de um indivíduo. No entanto, assim não tem acontecido: na qualidade de elemento corporal mais visível, a epiderme e as características fenotípicas têm sido tomadas como sinais diacríticos, com função frequentemente inferiorizante. A este respeito, convém lembrar como, frequentemente, a atribuição identitária é levada a efeito a partir de dualidades, nas quais o polo que se toma como parâmetro validador costuma caracterizar a si próprio como superior, posição que tem gerado distorções, especialmente dado o fato de que aquele que tem o poder de nomear e classificar usualmente pertence à hegemonia dominante. Pensando o processo histórico do racismo brasileiro a partir do polo ocupado pela população negra, Gomes enfatiza que “[...] a esse segmento racial foi relegado estar no pólo que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no pólo dominante.” (2012, p. 3). Assim, quando se pensa a identidade negra, questões de política de localização, agência e poder inevitavelmente vêm à mente.

Tomando-se, pois, os três elementos assinalados por Munanga como essenciais à formulação do processo identitário, pensa-se a identidade negra a partir do contexto da exploração colonial e, mais tarde, da participação desigual dessa

população nas sociedades ditas democráticas. Ao cruzar o Atlântico acorrentado, o negro foi roubado não apenas no sentido de sua exploração, mas também através da escamoteação de sua própria história e cultura. O afastamento e a destruição da consciência histórica foram estratégias conscientemente empregadas pela sociedade escravista, com seu temor de rebeliões, para dividir a população negra e enfraquecer seus laços com sua cultura de origem, já que a história provê o elo cultural que assegura o sentimento de continuidade de uma comunidade, indispensável à formação de sua identidade. Das línguas de origem dos escravizados, pouco subsistiu; quanto ao fator psicológico, foi tomado para explicar as diferenças entre os negros e seus senhores, quando, na verdade, diferenças deveriam ser buscadas nas condicionantes sociais.

A sociedade colonial, essencialmente dicotômica, baseada na relação dominador-dominado, necessitava a manutenção e justificação da diferença para a manutenção do próprio sistema, já que, ao “mostrar, justificar e manter, tanto pela palavra quanto pela conduta, o lugar e o destino do colonizado, [...] garante [...] o seu próprio lugar na empresa” (MUNANGA, 2012, p. 30). Alistado o auxílio da nascente “ciência”, o negro foi tomado como um branco degenerado, levantando-se, inicialmente, hipótese da degeneração baseada no clima excessivamente quente; mais tarde, no Século das Luzes, manteve-se a noção de que o negro andava na contramão da história e do desenvolvimento, para o que foi difundido o discurso acerca de sua sexualidade desviante, feiura e indolência. A partir daí, incorporado aos gestos e palavras, o discurso racista colonial passou a constituir uma estrutura solidamente presente no tecido social (MUNANGA, 2012); ainda hoje, muitos desses estereótipos passaram ao inconsciente coletivo, sendo manifestos através de expressões de uso corrente, como por exemplo “coisa de negro”, usada para designar algo feio e de mau gosto. A manutenção dessas diferenças ajuda a perceber como,

[...] em última instância, [...] a identidade de um grupo funciona como uma ideologia na

medida em que permite a seus membros se definir em contraposição aos de outros grupos para reforçar a solidariedade entre eles, visando a conservação do grupo como entidade distinta. Mas pode também haver manipulação da consciência identitária por uma ideologia dominante [...] (MUNANGA, 2012, p. 13).

Nesse contexto, é fundamental a distinção entre a identidade subjetiva atribuída conforme um grupo se define, e aquela que lhe é atribuída segundo o percebem seus outros. Essa distinção se faz especialmente tensa para a população negra no Brasil, porque se estabelece a partir de relações assimétricas e de poder, através da diferença entre um ideal branco e um modo de ser negro. Duas posições podem ser encontradas: uma, de orgulho ao seu pertencimento étnico-racial, através da valorização dos sinais diacríticos, ou da rejeição e negação do corpo, cabelo e aspectos culturais negros. Mesmo aí, há a presença de uma tensão, um sentimento ambíguo de rejeição e aceitação desse corpo, cabelo e cultura. Desenvolve-se, então, um “olhar desencontrado” do negro em relação a si próprio (GOMES, 2002, p. 182): social e psicologicamente convencido de sua qualidade de desviante da norma, desenvolve estratégias que possam aproximá-lo de situação socialmente mais desejável. Daí por que a manipulação e alteração dos símbolos vistos como expressão de afastamento social e biológico do pólo do poder é essencialmente ideológica. Gomes é enfática: “atualmente, embora não estejamos mais sob a égide da empresa colonial e nem da escravidão, a persistência das representações negativas sobre o negro acabam se constituindo em outra ideologia: a ideologia da cor e do corpo” (GOMES, 2002, p. 195). Contudo, como Gomes ressalta em estudo posterior, julgado por padrões não eurocêntricos, “o corpo negro pode ser tomado como símbolo de beleza, e não de inferioridade. Ele pode ser visto como corpo guerreiro, belo, atuante e presente na história do negro da diáspora, e não como corpo do escravo, servil, doente e acorrentado.” (2003, p. 81). A conclusão lógica registrada pela pesquisadora é que o corpo negro e o cabelo crespo são expressões e suportes simbólicos

da identidade negra no Brasil, e tornaram-se ícones inextricáveis à discussão dessa identidade. Munanga dá suporte para que melhor se compreenda a importância signífica do corpo negro: a “recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua *negritude* antes de atingir os atributos culturais, mentais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade” (MUNANGA, 2012, p. 19, grifo do autor).

Face à importância física e ideológica do corpo negro, não surpreende que a literatura afro-brasileira tenha, frequentemente, tematizado a valorização da negritude, salientando, nesse contexto, tanto a tensão resultante da não aceitação do próprio corpo como o apaziguamento, a realização e a harmonia que provém de sua aceitação e valorização. O conto “Pixaim” é exemplar, dado que apresenta três atitudes distintas com respeito ao corpo negro: a da protagonista, de aceitação e valorização, e a de sua mãe e a de outra menina, da mesma idade da protagonista, de negação, por motivos diferentes.

O conto narra a história de uma menina negra, de dez anos de idade, cuja mãe, branca casada com negro, vendo no cabelo e na tez escura da filha um impedimento para sua aceitação e ascensão social, manipula a única parte do corpo da filha que pode mudar: seu cabelo. A menina, embora compreenda as motivações da mãe, apenas muito relutantemente submete-se às suas vontades. Contrasta com a menina protagonista outra menina negra que sonha em ter nascido branca e deseja ter cabelo liso, a tal ponto que costuma amarrar uma toalha na cabeça e desfilar pela casa, fingindo ter atingido seu ideal. À protagonista tal atitude soava profundamente estranha, já que jamais fora capaz de perceber “como alguém poderia ser algo além daquilo que é” (SOBRAL, 2001, p. 14).

A narrativa inicia em um tempo e lugar deliberadamente não detalhados:

Rio de Janeiro. Qualquer dia da semana num tempo que passa morno, sem novidades. Num bairro distante do subúrbio da Zona Oeste, uma criança negra de dez anos e pequenos olhos castanho-escuros meio embaçados pelo horizonte sem perspectivas é

acusada injustamente. (SOBRAL, 2001, p. 13).

A indeterminação temporal e espacial, bem como a não nomeação da menina faz com que, antes que a história de uma protagonista diferenciada de outras crianças, a menina representada nessa história seja tomada como símbolo de tantas outras crianças cuja autoimagem é agredida. Também é significativo o fato de que a história se passa em ambiente periférico, o que lembra não somente a situação de inferioridade econômica a que estão sujeitas muitas famílias negras, como coopera para construir um ambiente em que a convivência próxima contribui para que múltiplas vozes se manifestem com respeito ao cabelo da menina, interferindo em sua vida e gostos pessoais. Ao relacionar a vivência na periferia à construção da autoestima, os autores de *Gostando mais de nós mesmos* declaram: “na periferia, as coisas acontecem de modo muito intenso. Talvez pelo fato de as pessoas estarem muito próximas ou pelas condições de vida, que, em geral, são precárias, sentimentos como amor e ódio ganham mais dramaticidade” (SILVA et alii, 1999, p. 7).

A descrição inicial da personagem contribui, ainda, para provocar surpresa quanto à acusação injusta dirigida contra uma pessoa que se apresenta como tão frágil- uma criança triste, sem perspectivas – e que, portanto, não parece merecer tal tratamento. Dessa forma, ganha impacto a revelação de que a acusação que pesa contra ela é o descontentamento de outras pessoas quanto a sua maneira de ser, se provoca nelas o desejo de separá-la de suas raízes, no entanto faz com que a menina se torne resoluta em lutar pela preservação de sua negritude.

Narradas do ponto de vista da criança, as seções de alisamento são comparadas a uma guerra. Os “ataques” têm início quando a menina é apresentada a “uns pentes estranhos, incrivelmente frágeis, de dentes finos, logo quebrados entre as minhas madeixas acinzentadas” (SOBRAL, 2001, p. 13). Evidencia-se, assim, não somente a inadequação dos pentes ao seu tipo de cabelo, como a força e vitalidade destes últimos. Nesse contexto, o relato da primeira vez em que a menina ouve a expressão

“cabelo ruim”, e o fato de que o pente é usado para amolecer sua “carapinha ‘ruim’” são indiretamente questionados na narrativa.

O efeito psicológico dessa guerra equivale ao de violenta invasão: a menina diz-se “violentada” em suas raízes, e, em consequência, passa a sentir muita dor e fragilidade, ao mesmo tempo em que reforça sua independência e determinação em gostar de si com a aparência que tem, preservando o “cabelo redondinho do jeito que [...] gostava” (SOBRAL, 2001, p. 14). Percebe-se o carinho que a menina devota ao seu cabelo, o que contrasta não só com a apreciação que sua mãe faz dele (acha-o feio), como com a não apreciação do cabelo “fofinho, parecendo algodão” por parte da outra menina.

Na sequência, o cabelo da menina continua sendo marcado pela mãe não apenas como signo de diferença como de anormalidade: é em um cabelo considerado “ruim” que o pente quente é empregado como instrumental para que o crespo fique “bom”, transitando do desvio à norma para a conformidade com ela: a mãe queria a filha “bonita como as outras”. A descrição aponta o cabelo negro como uma patologia, a qual deve ser eliminada, ainda que para isso a vontade de sua possuidora seja desrespeitada.

Após um período de “trégua”, a protagonista sofre novo ataque, desta vez através da ação de uma vizinha, que lhe promete, ao voltar de viagem, trazer “um produto para dar um jeito no meu rebelde” (SOBRAL, 2001, p. 14). Dessa forma, a rebeldia da protagonista passa a se identificar com seu cabelo, o “bombrilzinho”, enrolado e duro, o qual tanto difere do cabelo liso. Em contraste, o que a menina mais deseja é ter uma família pretinha, e uma avó que soubesse fazer tranças cheias de desenhos que só seu tipo especial de cabelo permite fazer: a criança reconhece não só a diferença, mas valoriza-a exatamente por aquilo que esta propicia de forma especial.

A aplicação do produto miraculoso trazido pela vizinha, o Henê, provê uma mudança no uso da metáfora de guerra: do foco nos ataques, passa a enfatizar intensa dor, violência e desrespeito aos direitos humanos, já que a menina se vê agora como

vítima de uma sessão de tortura. Julga a tentativa de embranquecimento como uma tentativa de extinção de seu valor, pelo que chora e foge. É, porém, “capturada e premiada com chibatadas de vara de marmelo” (SOBRAL, 2001, p. 15), linguagem que faz confluír a metáfora da guerra com o contexto da privação de liberdade e de violência típicas do regime escravocrata. No dia seguinte, ao ver a sua transformação na mulher da caixa do Henê, a menina não pode deixar de se interrogar por que era tão difícil que a aceitassem, o que só incentiva sua “rebeldia”. Em consequência, vizinhos e família unem-se na proclamação de sua ingratidão, e do desgosto que provoca em sua mãe. Até os irmãos, mais claros e, portanto, não necessitados de manipulação branqueadora, chamam-lhe de feia, bombril e macaca.

Aos poucos, a menina deixa de resistir e começa a acreditar no que diziam. Afinal, como enfatizam as autoras do livro de perguntas e respostas organizado pela AMMA e Quilombohoje, não “[...] ter estima pode [...] desarmar para as batalhas internas e externas” (SILVA et alii, 1999, p. 1). A menina passa a ser triste. Sabe que o tratamento apenas lhe concede um cabelo “circunstancialmente ‘bom’”, mas que “jamais seria branca” (SOBRAL, 2001, p. 16). Amadurecida pela dor, alcança entender o ponto de vista da mãe, que quer embranquecê-la para que a sociedade não a rejeite. Contudo, para a menina, o cabelo e a reação provocada por ele constituíram-se em aprendizado que a fortalece e amadurece:

Cresci tentando ser algo que eu não conhecia, mas que intuitivamente sabia ser meu, só meu. O meu cabelo era a carapaça das minhas ideias, o invólucro dos meus sonhos, a moldura dos meus pensamentos mais coloridos. Foi a partir do meu pixaim que percebi todo um conjunto de posturas que apontavam para necessidade que a sociedade tinha de me e quadrar num padrão de beleza, de pensamento e opção de vida. (SOBRAL, 2001, p. 16).

Assim encarado, o cabelo, qual carapaça, apresenta-se antes que duro e inapropriado, como resistente e protetor. Mais: é moldura, invólucro que,

tal como a larva da borboleta, leva à liberação de colorida beleza. Mesmo o julgamento dos outros, daqueles que não compreendem algo que só a ela pertence, serve a função de carapaça: protege-a, levando-a à compreensão de olhares e posturas que diferem dos dela própria. Assim, passadas todas as batalhas, ataques e agressões, a protagonista torna-se uma mulher amadurecida e confiante, que aprendeu, e jamais esquecerá, o pensamento expresso nas palavras finais do conto: “A gente só pode ser aquilo que é” (SOBRAL, 2001, p. 17).

É a partir de visão esclarecida tanto a respeito da contínua batalha enfrentada pelo negro para sua asserção como da sua contraparte, a repetida fabricação e manutenção de rótulos estigmatizantes, que Ana Célia da Silva parece ter escrito “Para gostar de ser”. Como a protagonista de Pixaim, o eu poético afirma a certeza de que há beleza na cor e cultura ancestral, que são valorizadas e orgulhosamente proclamadas. Inicialmente o negro é desvestido de suas associações com o mal e as trevas, sendo apresentado em conexão com matérias primas valorizadas, como o ébano, madeira nobre, resistente e escura; o ônix, quartzo mais nobre que o mármore, de grau de dureza elevado, muito usado em adornos e enfeites, ou ainda o azeviche, ou âmbar negro. Segue às associações ao minério uma imagem ligada à percepção sensual, associada à visão e paladar: a escura jabuticaba, fruto de polpa suculenta e doce. A seguir, as associações do cabelo crespo à natureza (“Cabelos de mata/ Torcidas raízes/Naturais, ornamentais”) situam o cabelo negro como padrão de beleza capilar, uma vez que provêm da própria natureza, sendo também ornamental. Por outro lado, a associação a raízes prepara a expressão dos versos que concluem a primeira estrofe (“Presença reivida/ Dos nossos ancestrais”), reafirmando o corpo e beleza negros no contexto e uma herança por algum tempo suprimida, mas agora “revivida”.

A segunda estrofe, desenvolvendo o pensamento iniciado na estrofe anterior, apresenta a negritude como a síntese de elementos e qualidades de natureza diferente, unidos pela aparência escura: assim, o negro reúne o mistério da noite, o valor do

petróleo, o calor do carvão, a doçura do açúcar cândi, o paladar provocativo e convidativo do chocolate e do mel, em uma síntese de doçura, alegria e beleza capaz de promover autoimagem positiva, que impulsiona à luta e conquista, em certeza do valor da negritude.

Percebe-se, assim, que a literatura afro-brasileira, reconhecendo, por um lado, o massacre emocional a que foi - e ainda é - submetida a população negra, através da repetição da noção de sua não valia ou inferioridade, e, por outro, o conteúdo ideológico que subjaz a esse histórico tratamento, tem usado a palavra não só para denunciar esses fatos, mas também para promover sua compreensão por parte de todos os atores e agentes envolvidos. Incluem-se aí tanto daqueles que reproduzem noções e atitudes introduzidas pela ciência racista dos séculos XVIII e XIX e pela ideologia colonial, como daqueles que as sofrem e, muitas vezes, essencializam a situação a que estão expostos, considerando-a como sendo da ordem natural das coisas. A ambos, a literatura oferece aprendizado belo e criativo, o qual, como a carapuça-envelope que aninha os pensamentos da protagonista de Pixaim, é capaz de provocar emoção e fruição, ao mesmo tempo em que leva a repensar velhas fórmulas, como o faz, em seu poema, Ana Célia da Silva, que apõe e opõe às associações negativas, valorizações positivas a partir das quais possa se reconstruir o imaginário negro, para que este, liberto de ideias racistas preconceituosas, passe a gostar de ser aquilo que efetivamente é.

Referências

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como ícones de construção de beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. Tese. USP: São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002.

_____. Cultura negra e educação. *Revista brasileira de educação*. n. 23. Rio de Janeiro, mar-ago 2003. [CrossRef](#)

_____. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. *Formação em direitos humanos*. Relações raciais. [blog Internet], 5 de outubro de 2012. Disponível em:

<Blog.<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Consultado em: 05 de junho de 2015.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. Apresentação. In: SILVA, Ana Maria et alii. *Gostando mais de nós mesmos: perguntas e respostas sobre autoestima e questão racial*. São Paulo: Editora Gente, 1999. p. 9-10.

SILVA, Ana Célia da. Para gostar de ser. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. (Org). *Cadernos negros 33: poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2010. p. 29.

SILVA, Ana Maria et alii. *Gostando mais de nós mesmos: perguntas e respostas sobre autoestima e questão racial*. São Paulo: Editora Gente, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRAL, Cristiane. Para gostar de ser. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. (Org). *Cadernos negros 24: contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2001, p. 13-17.